

A dominação emocional masculina na intimidade: um diálogo com Eva Illouz¹

Patrícia Mattos²

Resumo

A proposta deste artigo é discutir as teses desenvolvidas pela socióloga franco-israelense Eva Illouz sobre como o capitalismo vem transformando a vida emocional dos indivíduos, para pensar as transformações da intimidade e das relações de gênero no Brasil. São apresentados os resultados preliminares da pesquisa que desenvolvo sobre os desejos, frustrações e sofrimentos de homens e mulheres heterossexuais em torno do amor e da sexualidade, ressaltando a pertinência do diagnóstico de Illouz sobre a dominação emocional masculina, ao demonstrar as formas de regulação da sexualidade e as limitações da liberdade sexual das mulheres.

Palavras-chave: Amor; Sexualidade; Capitalismo; Dominação emocional; Desigualdades de gênero.

1. Introdução

Eva Illouz tornou-se uma autora de renome no debate da Teoria Crítica ao discutir as especificidades do “capitalismo afetivo”, que definiu como sendo “uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros” (Illouz, 2011, p. 12). A autora diagnostica que, ao longo do século XX, ao mesmo tempo que o mercado incorpora a linguagem das emoções, com a Psicologia tornando-se a área por excelência para

1 Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) pelo apoio financeiro dado à pesquisa “O amor na era dos aplicativos: um estudo sociológico” apresentada neste artigo. Agradeço também ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) pela oportunidade de refletir, minuciosamente, sobre os dados dessa pesquisa e discuti-los com docentes e discentes durante o meu estágio pós-doutoral, entre agosto de 2024 e julho de 2025.

2 Professora da Pós-graduação em História e do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: pamattos@uol.com.br, Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9013-1116>

tratar da vida emocional dos indivíduos modernos³, a esfera íntima torna-se cada vez mais racionalizada, por influência dos discursos feminista e terapêutico (Illouz, 2008 e 2011). Suas pesquisas têm como fio condutor a análise de como o capitalismo molda e transforma o *self* e a vida emocional das pessoas, tendo seus livros sido traduzidos para várias línguas. É uma pena que em português só tenham sido publicados dois deles — *O amor nos tempos do capitalismo*⁴, em 2011, e *Happycracia. Fabricando cidadãos felizes*, em 2022, escrito em coautoria com Edgar Cabanas. Suas principais obras sobre o impacto do capitalismo no campo sexual e afetivo ainda não foram publicadas no Brasil.

Enquanto é reconhecida internacionalmente pelas suas contribuições à Sociologia, no Brasil suas reflexões sobre os impactos do capitalismo neoliberal, de suas formas de subjetivação e da hiperconectividade sobre a vida afetiva, criando desigualdades sociais, especialmente de gênero, ainda são pouco discutidas. A meu ver, seus livros *Por que o amor dói* (2012) e *O fim do amor* (2019) têm como principal contribuição a tematização das persistências e recriações das desigualdades de gênero na esfera íntima, em tempos de conquistas feministas e de maior simetria entre os gêneros.

A proposta deste artigo é debater o alcance das reflexões de Illouz sobre as relações entre amor, sexualidade e capitalismo, para analisar as transformações da intimidade e das relações de gênero no Brasil. Inicialmente, apresento as discussões de Illouz sobre os impactos do capitalismo nas relações íntimas e seu diagnóstico sobre a dominação emocional masculina. Illouz (2012, p. 103) argumenta que a dominação emocional masculina é caracterizada pela maior capacidade dos homens, por meio de seu maior desapego emocional e de seu poder, de definirem os termos da interação afetiva/sexual, limitando as opções das mulheres. Em seguida, debato os

3 Illouz (2008 e 2011) afirma que os psicólogos não só entraram nas empresas para diagnosticar como os problemas emocionais dos trabalhadores influenciam seu rendimento e propor medidas para melhoramento da produtividade, como também salientou o papel da Psicologia na constituição do ideal de *self* moderno, baseado nas ideias de autorrealização e automelhoramento, propagadas em grupos de autoajuda, programas de entrevistas, práticas de aconselhamento na mídia e sessões terapêuticas, dentre outros.

4 Esse livro é a tradução de *Cold Intimacies. The Making of Emotional Capitalism*, publicado em 2007, no qual são apresentadas três conferências dadas por Illouz no Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Frankfurt, a convite de Axel Honneth.

resultados parciais da pesquisa empírica que desenvolvo com homens e mulheres heterossexuais sobre amor e sexualidade, ressaltando a pertinência do diagnóstico de Illouz sobre a dominação emocional masculina, ao demonstrar as formas de regulação da sexualidade e as limitações da liberdade sexual das mulheres.

2. Impactos do capitalismo nas relações íntimas

Em *Consumindo a utopia romântica* (1997), Illouz demonstra que, ao longo do século XX, o ideal romântico passa a se estruturar por meio da comercialização de rituais românticos. Ou seja, a indústria do lazer capturou o desejo difuso por diversão, experimentação de novas formas de liberdade sexual e busca de intimidade emocional, criando uma atmosfera afetiva que entrelaçou a emoção de “sentir-se romântico” ao consumo e promoveu a mercantilização do romance. A criação da prática do *dating*, encontros de casais fora de casa, deu o pontapé inicial à mercantilização do romance, sendo amplamente difundida pelas indústrias cinematográfica e publicitária. Bens de lazer como saídas para bares, restaurantes, cinemas, teatros, viagens a dois, dentre outros, tornam-se elementos centrais para manter ou reacender sentimentos e vínculos sentimentais. A tese é que o uso de rituais românticos permitiria que os casais pudessem romper com as obrigações cotidianas e reacender as emoções amorosas. Sua pesquisa, inicialmente, foi pensada para discutir as diferenças de classe em torno do amor, mas Illouz foi surpreendida ao perceber que indivíduos, tanto da classe trabalhadora quanto das classes média e alta, recorriam aos consumos de rituais românticos, fazendo com que ela percebesse que o romance se tornou parte do mercado de consumo (Almeida, 2021). Ao contrário dos teóricos críticos frankfurtianos como Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Erich Fromm e Jürgen Habermas, que acreditavam que a lógica econômica imiscuída na intimidade causava patologias sociais e danos à subjetividade, Illouz afirma que as ligações entre amor e capitalismo podem fortalecer tanto os laços afetivos quanto o mercado (Costa, 2005).

Em síntese, no livro *Consumindo a utopia romântica*, a mercantilização do amor não era vista como problema pela autora. Illouz percebeu que a comercialização estava presente nas interações amorosas de forma

transclassista, o que a levou a afirmar que “o consumo massivo de rituais românticos constitui o núcleo do amor romântico contemporâneo”, como salientou Sérgio Costa (2005). Inspirado em Niklas Luhmann (1991), Costa vê o amor como sendo um código comunicativo entre os amantes e afirma que “o mercado não pode gerar a energia amorosa” (Costa, 2005, p. 119), como defende Illouz. Ele reconhece ser inegável que a indústria cultural propague modelos de práticas românticas e que a indústria do entretenimento ofereça bens e serviços para a vivência dos rituais românticos, contudo o que define a relação como tal não é o consumo desses rituais, mas sim a comunicação estabelecida entre os amantes. Na sequência, demonstrarei minha concordância com a crítica de Costa a Illouz nesse ponto.

Em entrevista dada a Richard Miskolci, Illouz reconhece que as inovações tecnológicas — inicialmente, as salas de bate papo e os sites de relacionamento e, a partir de 2012, os aplicativos móveis de relacionamento — legitimam “mais do que antes a cultura do sexo sem compromisso” (Miskolci, 2016, p. 305). Enquanto em *Consumindo a utopia romântica*, Illouz constata, como sintetizou Costa (2005, p. 113), que “amor romântico e capitalismo constituem um par bem constituído, (...) revigorando tanto o capitalismo quanto os amantes”, em *O fim do amor*, a autora discutirá os efeitos nefastos da mercantilização do romance/sexualidade na era da hiperconectividade, ao afirmar que “vivemos num mundo colonizado pela hipersexualização dos corpos e das psiques” (Vicente, 2021).

Nos livros *Por que o amor dói* e *O fim do amor*, Illouz destaca a relevância de a Sociologia voltar-se para as mudanças na esfera íntima como um dos pilares das transformações da modernidade. Afirma que a Sociologia deve se interessar pelo fenômeno típico de nossa época, o desamor, isto é, pelas “relações negativas” caracterizadas pela incapacidade ou falta de vontade dos indivíduos para estabelecer vínculos amorosos, chamando atenção para as limitações da Psicologia para tratar das causas sociais das dores emocionais em torno do amor. Longe de perceber nossos sofrimentos emocionais como sendo causados prioritariamente por nós mesmos, isto é, por atitudes psicológicas erradas, ela quer mostrar que eles são resultado da crescente mercantilização das relações afetivas/sexuais, da

hiperconectividade e da subjetividade neoliberal baseada nos ideais de autmelhoramento, sucesso individual e liberdade.

Em *Por que o amor dói*, Illouz argumenta que a revolução sexual contribuiu para a constituição de um campo sexual, que separa sexo de envolvimento emocional, e passa a ser fonte de *status* social para os homens, especialmente de classes média e média alta, que vão exercer a dominação emocional na esfera íntima, colocando o desapego para viver relações sexuais como expressão da liberdade individual. Sendo assim, a quantidade e a beleza das mulheres com as quais os homens se relacionam, bem como “ (...) a exibição de suas proezas sexuais e de sua sensualidade” (Illouz, 2012, p. 242), são critérios relevantes para sua distinção social. Em outras palavras, há a substituição do domínio dos homens sobre suas esposas pelo domínio deles sobre várias mulheres no campo sexual, no qual o desprendimento emocional e as conquistas em série passam a ser símbolo de competência social. Illouz identifica a dominação emocional masculina como sendo caracterizada pela maior relutância dos homens para formar laços afetivos duradouros. Ressalta ainda que a liberdade sexual baseada no sexo sem compromisso é, na verdade, um modelo masculino de sexualidade. Nesse livro, apesar de indicar que o campo sexual abre espaço para alto grau de mercantilização da sexualidade, esse não será seu foco de análise, mas sim a existência da “dominação emocional masculina”, em função da reorganização social da sexualidade gerada pela revolução sexual, pelas inovações tecnológicas e pelo enfraquecimento das endogamias de classe, raça e etnia, que mudaram profundamente os critérios de seleção e busca de parceiros e parceiras.

Illouz (2012) identifica que a liberdade sexual é mais ambígua para as mulheres (especialmente as interessadas na maternidade) do que para os homens, uma vez que elas tendem a buscar conciliar sexo e envolvimento emocional, utilizando frequentemente a estratégia de adesão à sexualidade livre e acumulativa como um meio para o estabelecimento de um laço emocional. Outro ponto salientado por Illouz (2012) é que o ideal de autonomia se sobrepõe ao desejo por reconhecimento nas relações afetivas. Mulheres entrevistadas pela autora disseram-lhe que não solicitavam dos homens uma declaração explícita de seu envolvimento na relação, para não

comprometer nem a autonomia deles nem a delas. Com isso, recalavam seu desejo de reconhecimento da especificidade da relação para atender às exigências do que seria uma ação livre e autônoma. Essa tensão entre autonomia e reconhecimento foi detectada por Illouz não só nos relatos de suas entrevistadas, como também em outras pesquisas e manuais de aconselhamento para mulheres que sofrem por amor, como o livro que se tornou best-seller *Mulheres que amam demais*, da psicóloga Robin Norwood.

A escolha do parceiro(a) por amor, que se institucionaliza no século XX, livre da influência da família e de proibições sociais, coloca-se como expressão máxima da liberdade individual, mas Illouz (2012) salienta que há desigualdades de gênero importantes no que diz respeito à ampliação das possibilidades de escolha de parceiros e parceiras. Além de suas pesquisas com homens e mulheres heterossexuais nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra, na Alemanha e em Israel, Illouz (2012 e 2019) recorre a pesquisas de outros autores e autoras para destacar as vantagens dos homens no mercado afetivo-sexual. As mulheres com interesse na maternidade têm um tempo biológico menor do que o dos homens para permanecer no campo sexual, sem falar que sofrem mais do que eles pelos efeitos da perda de juventude, sendo desvalorizadas sexualmente a partir dos 40 anos. Além disso, estudos mostram que as mulheres tendem a buscar parceiros com um nível socioeconômico igual ou superior ao seu. Os homens, por sua vez, contam com um amplo leque de possibilidades sexuais/amorosas, podendo selecionar mulheres de menor idade, riqueza e nível social, tendo à sua disposição mais opções sexuais e emocionais do que as mulheres (Illouz, 2012). Rachel O'Neil (2018) entrevistou homens que lhe disseram que as mulheres se preocupam menos com a beleza masculina nos mercados afetivo-sexual e matrimonial, deixando claro que o *status* social masculino é mensurado, sobretudo, por padrões socioeconômicos. Rachel O'Neil, assim como Robert W. Connell (apud Illouz, 2019, p. 71), confirma que “A masculinidade hegemônica clássica se define pela capacidade de acumular encontros sexuais casuais, assim como descartar as mulheres (...)”.

Resumindo, Illouz aponta as diferenças de gênero que favorecem a dominação emocional masculina, a saber: a) os homens sempre tiveram mais

liberdade sexual do que as mulheres, tendo poucas restrições normativas para viver sua sexualidade, enquanto que a liberdade sexual para as mulheres é mais ambígua e carregada de tensões; b) o status social dos homens depende, hoje em dia, muito mais do seu desempenho no mercado de trabalho e no campo sexual do que da constituição de família; c) os homens podem permanecer mais tempo no campo sexual, pois a reprodução não os define nem biológica nem culturalmente.

Em *O fim do amor*, Illouz retoma a discussão sobre o poder dos homens no campo sexual, afirmando que eles controlam os aparatos ideológicos, visuais e econômicos, definindo não só a beleza como também a juventude como elementos centrais para a classificação/desclassificação das mulheres. A autora também examina como o capitalismo se apropriou do ideário da sexualidade livre e autônoma como expressão da liberdade individual, que se constituiu em um projeto político e moral emancipatório dos movimentos feministas e de minorias sexuais, para ampliar seu alcance. A sexualidade livre tornou-se uma mercadoria, sendo um elemento constitutivo das mais profundas aspirações do *self* e da noção de boa vida, ligadas aos ideais de liberdade, autonomia e hedonismo, que se realizam por meio de uma variedade de práticas de consumo. Afirma que o capitalismo teve grande possibilidade de expansão a partir da década de 1970, ao tornar a sexualidade e o corpo feminino suas principais mercadorias, criando o que chamou de “capitalismo escópico”. Em suma, o capitalismo escópico ampliou o mercado de consumo, ao transformar a sexualidade em uma plataforma cultural para o consumo de diferentes tipos de bens:

...os bens sólidos e estandardizados (como, por exemplo, lingerie, Viagra, Botox), bens relacionados com a experiência (como cafés, “bares para solteiros” ou campos nudistas), bens mais intangíveis como aconselhamento terapêutico para o melhoramento da experiência e competência sexuais, mercadorias visuais (como revistas femininas ou pornografia), e o que eu denominaria “produtos atmosféricos”, que supostamente criam uma atmosfera sensual (Illouz, 2019, p. 51).

Sem falar nas indústrias cinematográfica, da publicidade, da beleza, da cirurgia plástica e da pornografia, que propagam ideais de beleza e sensualidade para as mulheres, produzindo e reproduzindo um culto à beleza e à juventude. Mirian Goldenberg (2007) demonstra como, no Brasil, o

corpo é um capital que aprisiona as mulheres a um ideal perverso de perfeição estética e juventude. As redes sociais amplificam esse culto, ao nos incentivar “a aderir a tecnologias corporais como dietas, exercícios, além de uso de cosméticos e maior apuro ao vestir” (Miskolci, 2017, p. 100). O fato de a denúncia ao etarismo e à gordofobia estar nas redes sociais e nas grandes mídias evidencia o peso da beleza e da juventude, especialmente sobre as mulheres. O capitalismo se apropriou dos ideais de empoderamento feminino (Hamlin e Peters, 2018) e diversidade de corpos e gêneros (Fraser e Jaeggi, 2019) não só para ampliar o mercado de consumo, como também para promover a “autocomercialização” de identidades dissidentes e do ideal de *self* neoliberal (Illouz, 2019; Illouz e Kaplan, 2020).

O capital sexual, entendido como a capacidade que alguns sujeitos têm de obter benefícios econômicos com o uso de sua aparência e de suas habilidades sexuais, passa a ser relevante não só nas interações íntimas, como também no mercado de trabalho. Ampliando a teoria dos capitais de Pierre Bourdieu (2008), Illouz e Dana Kaplan (2020) colocam o capital sexual, junto aos capitais econômico, cultural e social, para pensar as bases da hierarquia social contemporânea. Em tempos de precarização e insegurança no mercado de trabalho, em que a classe média não tem garantida a conversão do seu capital cultural em postos de prestígio no mercado de trabalho, os indivíduos tiram proveito de sua aparência e de seus atributos emocionais no mundo corporativo. Illouz e Kaplan afirmam que o capital sexual serve a homens e mulheres, especialmente de classe média, no mercado de trabalho, uma vez que a competência erótica passa a estar relacionada a valores como “audácia, autorrealização, criatividade, ambição e autoestima” (Illouz e Kaplan, 2020, p. 63), em consonância com o que Pierre Dardot e Christian Laval (2016) chamam de aparato neoliberal de representação/prazer, que instiga os sujeitos à diversão, experimentação e busca por serem criativos constantemente, fomentando, assim, o mercado de consumo e o ideal de *self* autêntico.

Enquanto Anthony Giddens (1993), Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (1995) veem a falta de uma normatividade rígida de forma positiva — ligada à autonomia dos indivíduos e à democratização das relações de gênero na esfera íntima — Illouz (2019) a vê como fonte de

sofrimentos emocionais para os indivíduos em função da incerteza quanto aos próprios desejos e às normas sociais que regem as relações íntimas, resultando também em indefinição das regras de reciprocidade, comprometendo as relações de reconhecimento mútuo entre os amantes. Illouz critica o conceito de “relações puras” de Giddens (1993), dentre outras coisas, por sua pressuposição de que existe um contrato implícito entre os amantes, no qual a justificativa para estarem juntos é a realização dos desejos, anseios e necessidades emocionais, dando-lhes a possibilidade de entrar e sair de relações guiados por sentimentos e emoções. Afirma que, na era de interações sexuais/afetivas mediadas por aplicativos de relacionamentos, a incerteza é o fator principal. Os sujeitos não têm certeza quanto aos próprios desejos e necessidades, nem em relação aos desejos e necessidades do outro e tampouco conseguem projetar o futuro das relações. Ademais, não estão claras as regras que regulam essas interações, restando como base normativa a ética do consentimento. Em suma, o contrato implícito de Giddens não tem condições de concretização, porque presume clareza dos sujeitos em relação aos seus desejos e necessidades, bem como penalidades em caso de não cumprimento das bases do contrato, o que dificilmente se encontra nas interações na era dos aplicativos.

Para Illouz, o problema da ética do consentimento — que presume que tudo pode ser feito na interação sexual desde que acordado, sem pressão, entre os amantes — é que o consentimento não está ligado a uma percepção clara do outro, fruto da reciprocidade entre os amantes, mas sim da casualidade do encontro, abrindo, inclusive, espaço para abusos sexuais⁵. O que se ignora na ética do consentimento é que “o desejo pode ser ou se tornar volátil, confuso, sujeito a pressões ou internamente conflituo” (Illouz, 2019, p. 153) para os amantes. Illouz identifica uma falta de solidez em relação às emoções na ética do consentimento, algo que emergiu nos relatos de algumas de minhas entrevistadas.

A lógica das relações casuais, via aplicativos de relacionamento, tende a gerar a (des)singularização do outro, fomentando a racionalidade do

5 Cf. o relato sobre o “estupro nebuloso” feito por Laura Sessions Stepp (apud Illouz, 2019, p. 150) como exemplo das limitações da ética do consentimento. Afinal, a vítima do estupro não tem certeza sobre a violência sofrida, uma vez que não está segura de ter expressado com suficiente clareza o seu não consentimento.

mercado nas interações íntimas, quer dizer, busca-se “satisfação rápida de necessidades”, eficiência na procura por um parceiro ou parceira, usando-se um *script* de trocas baseado na maximização de tempo, no cálculo hedonista e na mentalidade comparativa (Illouz, 2019). As relações casuais, baseadas na satisfação dos próprios desejos e na não projeção de futuro, geram uma separação entre o reconhecimento do corpo e o do *self*. O julgamento nas redes sociais e nos aplicativos de relacionamento parte de uma lógica binária: atraente ou não atraente, de acordo com modelos de beleza e sensualidade padronizados. A avaliação não presume o reconhecimento mútuo; ao contrário, está baseada em um padrão “relativamente unilateral e apriorístico” (Illouz, 2019, p. 110). O que está em jogo nas relações casuais é a beleza e a atratividade dos amantes, colocando em xeque as possibilidades do reconhecimento das necessidades, singularidades e desejos do outro, que é a base normativa do ideal romântico (Honneth, 2003 e 2015)⁶. A abundância de possibilidades no mercado afetivo/sexual acarreta uma constante indefinição para os indivíduos sobre o seu próprio desejo, uma vez que lhes dá a sensação de que há sempre pessoas mais interessantes para se envolver (Illouz, 2011, 2012 e 2019). As dificuldades profundas para o reconhecimento de singularidades geram “uma incerteza ontológica em torno da estima, do valor e da natureza do *self*” (Illouz, 2019, p. 136), especialmente para as mulheres. Ademais, o sexo casual é mais ambíguo para as mulheres, que tiveram a castidade como base de seu valor social, e ainda podem ser desvalorizadas pela sua agência sexual (Illouz, 2019).

A valorização do visual nos aplicativos de relacionamentos afetivos/sexuais mudou a lógica da objetificação, pois os homens também se objetificam enviando fotos de nudes ou apenas do pênis nas interações virtuais. Rosalind Gill (2003) afirma que há uma ressignificação da coisificação que difere das formas anteriores analisadas pelas feministas. Em consonância com o discurso feminista, de forma “deliberada e lúdica, as mulheres se sentem empoderadas pela oportunidade de jogar com os códigos

6 Para Honneth, o reconhecimento mútuo entre os amantes constitui um dos pilares para o exercício da liberdade individual, isto é, para que a pessoa possa desenvolver seus projetos de autorrealização, além de abrir espaço para o desenvolvimento de novas dimensões de sua subjetividade. Para obter mais detalhes sobre as especificidades, o alcance e os limites da reconstrução histórico-normativa das relações íntimas de Honneth, ver Mattos (2018).

da masculinidade e submeter os homens ao seu próprio remédio” (Illouz, 2019, p. 128). Quer dizer, as mulheres sentem-se empoderadas instrumentalizando os homens. Illouz (2019) aponta que não existe consenso entre as feministas sobre o sujeito sexual, ou seja, se as mulheres são sujeito ou objeto ou os dois, demonstrando a ambiguidade dessa questão. Uma de suas entrevistadas retrata que, apesar de ter se sentido um “pedaço de carne” em sua relação com seu ex-namorado, deixando claro que era perceptível que o interesse dele era essencialmente sexual e não emocional, paradoxalmente, introjetar o desapego emocional masculino lhe deu uma sensação de empoderamento. Ao assumir-se empoderada por introjetar uma postura de desapego, a entrevistada recalca suas demandas emocionais para atuar de acordo com um modelo de sexualidade masculina. E, assim, desenvolve uma condição confusa na relação sujeito/objeto. A ambiguidade desse processo é que as mulheres experimentam a vivência da sexualidade como manifestação de sua autonomia, mas os encontros sexuais estão sempre repletos de ameaças à autoestima delas, que se sentem um “pedaço de carne”, deixando evidentes os paradoxos da liberdade sexual para as mulheres. A seguir, amplio essa percepção de Illouz, mostrando os obstáculos para a vivência da liberdade sexual das mulheres colocados pelos homens.

3. Dialogando com illouz ...

Apresento os resultados parciais da pesquisa que desenvolvo sobre os sonhos, desejos, frustrações e sofrimentos de homens e mulheres majoritariamente heterossexuais, de classes média e média alta, em torno do amor romântico, para averiguar como as inovações tecnológicas, a mercantilização da sexualidade, a crescente individualização e as conquistas feministas têm reestruturado as relações de gênero na intimidade. Foram feitas entrevistas com 16 homens e 17 mulheres, entre 20 e 62 anos, solteiros(as), casados(as), separados(as), viúvo, em relacionamentos sérios ou relações casuais. Saliento majoritariamente heterossexuais, pois duas entrevistadas definiram-se como bissexuais e uma como lésbica. Esta última se prontificou a ser entrevistada depois de me ouvir dar uma palestra sobre o tema. A maioria das entrevistas foi realizada em dois encontros, utilizando o método de entrevistas sucessivas e em profundidade de Bernard Lahire (2004). Esse método possibilita captar, de forma mais acurada, os lapsos

de memória, as lacunas e as contradições no discurso dos pesquisados e pesquisadas, além de permitir-me aprofundar em determinadas questões.

Boa parte das entrevistas foi feita por meio do Google Meet e algumas foram presenciais. Fazer entrevistas de forma remota me permitiu ampliar o leque de entrevistados e entrevistadas, possibilitando o contato com pessoas de diferentes cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e cidades do interior de Minas Gerais como Tiradentes, São João del-Rei, São Sebastião do Paraíso, Montes Claros, João Monlevade e São Vicente de Minas. Destaco que, apesar das diferenças de tamanho entre as cidades do interior de Minas Gerais, boa parte dos entrevistados e entrevistadas tem familiaridade com os estilos de vida cosmopolita, ou seja, conhecimento sobre os debates de gênero e sexualidade contemporâneos, uso de aplicativos de relacionamentos e, em alguns casos, experimentação de novos arranjos conjugais, deixando evidente a consolidação da proeminência da internet na vida social.

De início, fiquei um pouco receosa de que pudesse ser mais difícil estabelecer relações de confiança entre mim e meus entrevistados e entrevistadas de forma remota. No entanto, para minha surpresa e alegria percebi que, em várias ocasiões, as pessoas se sentiram mais à vontade para falar de si do que nas interações face a face. Talvez isso tenha ocorrido em função do áudio não ficar explícito ao longo das entrevistas, ainda que eu tenha pedido a permissão para gravá-las. Afinal, como alguns entrevistados de pesquisas realizadas anteriormente (Mattos, 2018) me disseram, de diferentes maneiras, a gravação da conversa gera um efeito de maior racionalização e censura em relação ao que dizem.

Vale ressaltar que os estudos sobre heterossexualidade estão em segundo plano na literatura contemporânea sobre sexualidade, como salientam Iara Beleli (2017) e Larissa Pelúcio (2019). Nas palavras de Pelúcio, “assistimos a uma intensa produção de pesquisas sobre homossexualidades em detrimento daquelas que procuravam problematizar as relações amorosas/sexuais entre homens e mulheres” (Pelúcio, 2019, p. 232). Daí a importância dos estudos sobre relações heterossexuais, uma vez que as diferenças de gênero são especialmente marcadas nessas relações e, frequentemente, envolvem desigualdades (Illouz, 2019). Beleli observou que suas entrevistadas

(usuárias de aplicativos profissionalmente bem-sucedidas) eram críticas ao feminismo, por identificarem a perda de feminilidade como um de seus problemas. Perda de feminilidade, segundo Beleli, significa que mesmo vivendo sua liberdade sexual e emocional, essas mulheres afirmam que “algumas iniciativas devem ser dos homens” (Beleli, 2017, p. 342), apontando limites claros para se pensar em novos modelos de feminilidade. Pelúcio (2019) também ressalta as ambivalências dos homens que, apesar de serem conscientes das estruturas machistas que orientam a construção da masculinidade e se sentirem coagidos a repensar a masculinidade hegemônica, mantêm o desejo de conservarem comportamentos tradicionais no campo dos afetos. De diferentes maneiras, Beleli e Pelúcio indicam as limitações das novas feminilidades e masculinidades, mas não advogam, categoricamente, a existência de uma dominação masculina nas relações íntimas.

Entretanto, Pelúcio chega a admitir, a contragosto, a razoabilidade do diagnóstico de dominação emocional masculina de Illouz depois de reler “as infundáveis páginas de conversas com seus colaboradores” (Pelúcio, 2019, p. 141) e constatar que vários deles qualificam as mulheres como “complicadas”, naturalizando a dominação emocional e as assimetrias de gênero como estando ligadas a questões biológicas e não aos arranjos sociais que essencializam binarismos de gênero. Diz que essa constatação de Illouz lhe causou “claustrofobia emocional” (Idem, p. 141), dando a entender ser difícil reconhecer que, apesar das conquistas feministas, ainda persiste a dominação masculina. No entanto, por não ter feito pesquisas com mulheres e ter conversado com alguns homens jovens que ressaltaram sua admiração pelas “mulheres resolvidas”, isto é, autônomas e livres sexualmente e profissionalmente, Pelúcio parece ter certa reserva em colocar em primeiro plano de análise a questão da dominação emocional masculina.

Desde 2014 desenvolvo pesquisas sobre o amor romântico, com homens e mulheres heterossexuais, e a atual pesquisa tem confirmado a relevância de se destacar a permanência e a recriação de desigualdades de gênero na esfera íntima em tempos de conquistas feministas. São inegáveis as transformações ocorridas na intimidade com a revolução sexual, a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e sua maior escolaridade (Giddens, 1993; Beck & Beck-Gernsheim, 1995; Honneth, 2015), bem

como a força da politização de questões de gênero e sexualidade, que ganhou a grande mídia e as mídias digitais popularizando o léxico político feminista (Pelúcio, 2019). É bem verdade que vivemos tempos de retrocessos, com o crescimento da extrema direita e seus discursos contrários a esse léxico político, inclusive com o aparecimento de homens reagindo às conquistas feministas como os *incels* (celibatários involuntários misóginos) e *redpills* (que defendem um ideal tradicional de masculinidade, estigmatizando os comportamentos ligados à liberdade e autonomia das mulheres e deslegitimando o feminismo). Percebe-se, também, certa retração da “explosão feminista”, que vimos entre 2011 e 2018, com a proliferação de *hashtags* e mobilização de mulheres nas ruas. No entanto, como destaca Pelúcio (2019), o reacionarismo sempre aflora ao longo do tempo em reação às conquistas dos movimentos feministas e de minorias sexuais, deixando evidente a pressão por mudanças exercida sobre os homens pelos avanços nas questões de gênero e sexualidade.

Ainda que não possamos falar de homens e mulheres de forma monolítica, pois há diferenças entre os homens e entre as mulheres em função da idade e do volume de capitais⁷ (sexual, econômico, cultural, social, etc.) que não permitem que se fale sobre o homem ou a mulher de forma homogênea, são perceptíveis as assimetrias e hierarquias de gênero na esfera íntima, que geram sofrimentos emocionais entre as mulheres entrevistadas por mim, de classes média e média alta, de diferentes gerações. Como analisei em outro artigo (Mattos, 2018), várias mulheres com as quais mantive contato enfatizaram, em seus relatos, o déficit de reconhecimento em suas relações afetivas/sexuais. Além disso, identifiquei, na fala de vários entrevistados, que a regulação do romance, isto é, a definição, tácita ou explícita, das regras da interação é feita por eles, que deixam claro seu desapego emocional, comunicando à sua parceira seu desejo apenas por sexo e a não exclusividade da relação. Observei, assim como Illouz (2012 e 2019), as ambiguidades das relações casuais para as mulheres e suas estratégias de defesa para lidar com os sofrimentos emocionais. A propósito, os dilemas

7 Os estudos feministas contemporâneos ressaltam a necessidade de se articular a categoria gênero com outras marcas da diferença como classe, raça, etnia, geração, etc. Inclusive, Beleli (2015) demonstrou que as mulheres negras são preteridas no mercado afetivo-sexual.

das mulheres brasileiras nas relações casuais foram descritos por Mirian Goldenberg em seu romance *Sexo* (2015), no qual a protagonista vive as angústias da incerteza e o medo da rejeição após uma noite de sexo casual. Esse romance está baseado em suas pesquisas sobre relacionamentos amorosos e sexuais.

Na atual pesquisa, tenho visto novas assimetrias de poder entre homens e mulheres e nuances importantes das desigualdades de gênero antes identificadas. Abaixo, discuto a dominação emocional masculina exemplificada pela regulação da sexualidade e as limitações da liberdade sexual das mulheres.

A maioria de meus entrevistados e entrevistadas usa, ou usou, aplicativos de relacionamentos, sendo frequente não só a troca deles como também a sua hibernação. Boa parte dos participantes demonstrou certo cansaço e desânimo com a mesmice das interações online, que frequentemente geram a conhecida prática do *ghosting*, isto é, a interrupção do contato online sem que haja qualquer motivo explicitado. A sensação de sobreoferta de possibilidades de parceiros(as) dada pelos aplicativos instaura a ideia de que sempre pode aparecer uma possibilidade de envolvimento sexual/afetivo mais interessante, sendo recorrente o descarte do outro. Enfim, minhas entrevistas ratificam o que Illouz e a literatura de referência no Brasil (Beleli, 2015 e 2017; Miskolci, 2017; Pelúcio, 2015 e 2019) têm constatado sobre as interações online.

Além disso, várias entrevistadas falaram sobre o rápido descarte do outro feito por elas e pelos homens não só em função da mensuração sobre o capital sexual, mas da racionalização sobre estilos de vida e gostos de classe, que é feita de forma quase instintiva, pela mera observação da foto do perfil e de breves interações. Aliás, Beleli (2017) destacou que suas entrevistadas faziam o descarte de possíveis parceiros a partir das fotos, que lhes permitiam deduzir sua classe social e estilo de vida. Percebi também, especialmente entre minhas entrevistadas acima de 40 anos, a tendência à homogamia e à hipergamia na busca por parceiros, como apontaram Illouz (2012 e 2019) e Beleli. Como observou Illouz (2011), a racionalização não se limita à prática do descarte, mas é iniciada desde a feitura do perfil no aplicativo, no qual são mais bem-sucedidos aqueles e aquelas que têm

um padrão de beleza convencional e “originalidade linguística”. Afinal, segundo a lógica do amor neoliberal, os indivíduos devem agir como empreendedores de si mesmos, se autopromovendo ao ressaltar seus capitais — sexual, econômico, cultural, social, etc. —, destacando, de forma racionalizada, seus gostos e estilo de vida.

Assim como Illouz (2019) ressaltou, algumas de minhas entrevistadas usavam o discurso feminista, buscando identificar relações de poder para descartar possíveis pretendentes. Como grande parte dos encontros é mediada pelos aplicativos de relacionamentos ou conversas em redes sociais, se o outro desperta qualquer mal-estar, em nome da manutenção da própria autoestima e para evitar o risco de desvalorização, o contato é rompido. Illouz (2019) reconhece que são inegáveis os ganhos envolvidos na racionalização da esfera íntima, dando maior clareza para indivíduos sobre suas emoções e sentimentos. No entanto, ela é problemática quando, de antemão, interdita a interação entre os amantes.

Ao falarem sobre as práticas do romance, meus entrevistados e entrevistadas salientaram a importância de se criar uma atmosfera de intimidade entre o casal quando tratavam dos encontros amorosos, que podiam envolver ou não consumos de rituais românticos. Foi interessante notar, em consonância com a crítica feita por Costa (2005) a Illouz, que o mercado não é capaz de gerar a energia amorosa. Antero⁸ (empresário paulista, 46 anos, formado em Administração, vivendo junto com sua parceira) fez questão de salientar que, apesar de frequentar lugares românticos, como restaurantes refinados, beber espumantes ou vinhos caros com sua companhia, ou, ainda, viajar para lugares especiais com ela, não tem tido encontros românticos, deixando claro que a mera comercialização de contextos românticos não é capaz de reaproximar um casal que está distante um do outro. Outra entrevistada (Lúcia, tradutora e professora de inglês, 59 anos, divorciada, moradora de Brasília) ressaltou que seu ex-marido recorria às viagens, inclusive internacionais, para tentar se reaproximar dela, e foi em uma viagem a dois que ela percebeu, claramente, a necessidade de terminar o relacionamento com ele. Conta que ele ainda tentou coagi-la na volta da

8 Os nomes dos entrevistados e entrevistadas são fictícios.

viagem, quando ela lhe comunicou que queria a separação, dizendo: *Não, mas a gente tem outra viagem*. Afirma: *Ele sempre me pegava nas viagens, sabe? Era como se fosse a pausa para o nosso dia a dia, uma tentativa de olhar sob outra perspectiva*.

Se foi possível observar que alguns entrevistados e entrevistadas, de diferentes idades, viveram ou se mostraram abertos a viver novos arranjos conjugais como relações abertas/relações não monogâmicas, *ménage, swing*, BDSM (Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo), etc., entre os jovens esses arranjos se colocam sem apontar diferenças de gênero na proposição dessas vivências sexuais. Já nos relatos de meus entrevistados e entrevistadas acima dos 37 anos, são os homens, em geral, que propõem as relações abertas ou não-monogâmicas. Dois de meus entrevistados, Théo (50 anos, divorciado, consultor de empresas, com mestrado em *business*, poeta, morador de Brasília) e Thales (37 anos, casado, empresário, formado em Psicologia, morador de cidade no sul de Minas Gerais), relataram os conflitos que viveram com suas esposas, enquanto Dário (55 anos, três casamentos, funcionário público, doutor em economia, roteirista, morador do Rio de Janeiro) destacou os atritos que tem com a sua atual namorada e teve com outra mulher devido ao pacto de não-monogamia que estabeleceram.

Théo definiu como uma “situação mal resolvida” a questão da relação aberta com sua ex-mulher, afirmando: *O que eu faço com isso? Porque eu não acredito mais em monogamia. Ao mesmo tempo, eu tô com uma parceira que não acredita em relacionamento aberto*. Ressaltou que o humor dela variava muito entre o pragmatismo e a raiva: *Ela me disse: cara, se acontecer alguma coisa que não for mudar nossas vidas, eu prefiro não saber, porque eu não quero sofrer com isso. Além disso, não me exponha*, deixando claro que ele não deveria ficar com ninguém na frente de seus amigos. *E tinha dia que ela ficava enciumada, e falava: pera aí, você tá pegando pesado, você pode chegar 6 horas da manhã em casa, que porra é essa, não sei o quê*. Ainda que o casamento de Théo não tenha terminado especificamente por essa razão, ele apontou ter sido a relação aberta fonte de grande desgaste com sua ex-mulher, que pediu o divórcio alegando incompatibilidade de estilos de vida.

O outro entrevistado, Thales, disse-me que ele e sua mulher buscaram auxílio na terapia de casal. Afinal, não sabiam muito bem como lidar com seus casos extraconjugais, isto é, se deveriam ou não falar sobre eles. Ao fim e ao cabo, resolveram que não falariam mais sobre suas relações com outras pessoas, exceto quando ela se envolvia com outras mulheres, pois isso não lhe gerava ciúme e, em algumas situações, ele também participava da “transa”. *Porque eu não tenho ciúme da minha parceira se relacionar com outras mulheres, porque mais uma vez, a mídia vende que duas mulheres se relacionando é um fetiche masculino e eu sou mais um que tá ali nesse fetiche. Então, pra mim, isso não é algo que eu me sinta traído. Pelo contrário, é algo que, pra mim, é bom, é um fetiche* (Thales, 37 anos, empresário).

Dário também relatou que, quando fez *ménage* com sua ex-mulher e outra mulher, e sua ex se interessou por ela, isso não lhe causou ciúme, pois não se sentiu ameaçado com a possibilidade de perdê-la, como quem não tem dúvidas sobre a força da heteronormatividade. Théo e Dário também me contaram que não têm interesse que suas parceiras relatem seus encontros com outros homens. Os três entrevistados reconhecem que essas posturas são um resquício do machismo. Aliás, Dário censura o machismo, dedicando-se, inclusive, a escrever uma série sobre mulheres 45+, que define como sendo mulheres emancipadas: *É uma mulher que sai, que tem parceiros sexuais, que usa droga, vai pro carnaval, bota os peitos de fora, toma um doce* (fazendo referência ao uso de drogas). *Isso é uma nova mulher.* Constata que o debate feminista o fez se dar conta de “atitudes escrotas” que tinha em relação às mulheres e que hoje procura estar atento para não as repetir. Afinal, o machismo está *entranhado nas práticas de homens e mulheres em geral*. No entanto, ressalta que não tem paciência para as “feminazi”, que define como sendo (...) *uma mulher branca, Zona Sul, parará... mas que tá muito engajada em ONG, no movimento feminista, em movimentos, para a qual o homem hétero respirando tá errado*. Ressalto que maioria dos homens que entrevistei reconhece ser o machismo uma prática condenável e recorrente, sendo que alguns desprezam as “feminazis” por condená-los por ter opiniões diferentes das delas, denunciando seu privilégio de gênero. Quando falam sobre as diferenças entre homens e mulheres, oscilam entre as explicações sociais e biológicas e, ao salientarem

as explicações biológicas, como bem destacou Pelúcio (2019), naturalizam as desigualdades de gênero.

Dário diz ser adepto da relação não-monogâmica, dando a entender que não faz distinção entre relação não-monogâmica e relação aberta, pois ambas presumem um acordo entre os amantes de não exclusividade. No entanto, ao falar sobre o conflito com uma de suas “ficantes”, fica clara a falta de regras para regular as interações afetivas/sexuais, como ressaltou Illouz (2019). Aliás, Antônio Cerdeira Pilão (2022), ao analisar as contradições entre os ativismos não-monogâmicos no Brasil, entre adeptos das relações livres (RLis) e poliamoristas, evidencia as cisões e tensões em torno da não-monogamia. A despeito de RLiis e poliamoristas terem em comum o combate à monogamia compulsória e uma busca pela construção de outras normatividades nas interações afetivas/sexuais, as distinções e hierarquias que traçaram para se diferenciarem despolitizou o movimento não-monogâmico (Pilão, 2022). Os RLiis salientam que os poliamoristas são adeptos da polifidelidade que, por pressupor fidelidade a vários parceiros, seria uma mera extensão da monogamia. Pilão destaca que, normalmente, os poliamoristas rejeitam as caracterizações feitas do poliamor pelos RLiis. Por sua vez, os poliamoristas fazem duras críticas aos RLiis por sua visão neoliberal de liberdade, que não admite o estabelecimento de obrigações morais, e sua irresponsabilidade afetiva, que parece ser dominante entre esses meus entrevistados. Dário destacou os mesmos conflitos vividos por Théo com a sua atual namorada. Quer dizer, o desconforto dela com a não exclusividade e seu receio de que seus amigos o vissem com outra pessoa. Ele ressaltava os embates que tem com sua namorada: *Toda hora tem uma DR... pô, fazer um acordo, o que pode, o que não pode. Isso é uma parte chata da parada.* O que há em comum na história de Théo e Dário é o desconforto de suas parceiras com as relações não-monogâmicas, por não sentirem necessidade de sair com outros homens, pelo receio de que seus amigos os vejam com outras mulheres e pelas desigualdades de gênero em função de identificarem que seus parceiros têm mais possibilidades de estabelecerem esse tipo de relação, além do receio de que possam se apaixonar por outras pessoas.

A ficante de Dário, Léa (48 anos, divorciada, vivendo relações casuais, moradora de Brasília, especialista em terapias alternativas), que também foi entrevistada por mim, sentiu-se traída por ele tê-la “enganado” com seu discurso sobre relações não-monogâmicas. A seu ver, essas relações não devem estabelecer hierarquias entre as mulheres, o que ocorreu quando ele a preteriu para ficar com sua namorada. Sentiu-se traída por perceber que, na verdade, Dário queria ter uma namorada, tendo usado o discurso da não-monogamia de forma leviana. Mais do que isso, magoou-se profundamente por ele não ter reconhecido que existia um relacionamento entre eles quando ela foi questioná-lo sobre suas contradições, ao ter se negado a encontrá-la nos 15 dias que estava no Rio de Janeiro, tendo preferido estar com sua namorada, com quem afirmou ter um compromisso emocional, deixando claro que com ela, Léa, não havia nenhum relacionamento. Como vive em Brasília, mas passa temporadas no Rio, sentiu-se injustamente preterida.

Aqui, temos, claramente, o problema da falta de uma normatividade regendo as interações afetivas/sexuais, gerando sofrimentos emocionais, especialmente para as mulheres, como relataram várias de minhas entrevistadas. Para Léa, existe um padrão de comportamento para os adeptos das relações não-monogâmicas que foi violado por Dário, tendo colocado em xeque a ética do consentimento entre eles, na qual teriam acordado que tinham uma relação intensa e sincera, sendo dedicados um ao outro nos momentos em que estivessem juntos. O que ela não percebeu foi tanto a falta de normatividade nas relações não-monogâmicas, quanto o caráter contextual da ética do consentimento, uma vez que tanto os nossos desejos afetivos e sexuais quanto os do outro podem mudar dependendo do contexto. Ainda que a ética do consentimento esteja calcada na atenção à própria vontade, o que comumente se ignora, como mostrou Illouz (2019), é sua falta de solidez em relação às emoções.

É importante destacar que Théo, Dário e Thales fazem parte de um fracionamento muito específico de classe: são homens descolados, viajados, charmosos, com alto volume de capitais sexual, econômico e cultural. Entre os homens acima dos 40 anos, são perceptíveis as relações de poder em torno da não-monogamia. A monogamia ainda é o último pilar do ideal

romântico, vivida por boa parte de meus entrevistados e entrevistadas, com alguns matizes que vale a pena ser ressaltados. Duas entrevistadas, Vanessa (47 anos, três casamentos, delegada, moradora do Rio de Janeiro) e Maitê (57 anos, dois casamentos, funcionária pública, moradora de Brasília), ambas com volume significativo de capitais cultural, econômico e sexual, céticas em relação ao ideal romântico em função de suas dores emocionais e da dificuldade de estabelecerem relacionamentos, permitem-se viver relações sem exclusividade. As duas têm relacionamentos com homens estrangeiros, que vivem na Europa, tendo clareza da impossibilidade de projetar um futuro para a relação, pois nem elas nem eles pretendem sair de seus países. Vanessa tem um pacto verbalizado de não exclusividade com seu parceiro, o que eventualmente é fonte de conflitos, enquanto Maitê tem um acordo tácito sobre o tema com o seu companheiro. As duas ressaltam que o sexo com eles não é muito empolgante. Afinal, são homens mais velhos que secundarizaram forçadamente o papel do sexo em suas vidas. O que fica claro no relato delas é que a não exclusividade afetiva/sexual não se coloca propriamente como uma escolha, mas como uma forma de amor possível. E aqui é perceptível a distinção entre os amores desejáveis e os possíveis. Curiosamente, essa distinção fica subentendida no relato de várias de minhas entrevistadas, de diferentes gerações.

É o caso de Valentina (26 anos, graduanda em História na USP, mineira de Caxambu) que, ao se apresentar para mim, fez questão de dizer que tem dois namorados com os quais tem um pacto de não-monogamia, dando a entender que é uma jovem livre e emancipada. No entanto, ao longo de nossos dois encontros, foi ficando clara não só a limitação de sua liberdade sexual, como também sua dor emocional nos seus relacionamentos com os dois namorados. Contou-me que seu namorado Luigi, com quem está há seis anos, não gosta de *sexo tradicional*, que ela define da seguinte forma: *É, ele não é uma pessoa que gosta muito de sexo tradicional, assim, né. Então, oral, pênis-vagina, essa coisa, assim, ele não é muito fã. Por outro lado, ele gosta muito de apanhar, por exemplo.* E aí ela narra que eles foram algumas vezes ao clube do fetiche em São Paulo, que é um lugar onde as pessoas fazem performances e práticas BDSM. Apesar de acompanhá-lo, confessa que não aprecia muito essas práticas. Mais do que isso, relatou que, na pandemia, foi morar com ele e: *aí a gente foi parando de ter sexo,*

tanto feticista quanto normal. E aí eu fiquei meio, assim, o que tá acontecendo? Na verdade, de forma involuntária, quase sem querer, desabafa que não faz sexo com seu namorado desde 2020 ou 2021, não se lembra bem. Conheceu Guigo, seu segundo namorado, em 2022, e quando lhe pergunto se ela se realiza sexualmente com ele, afirma: *Ele também não gosta de sexo! Mas a gente faz um pouco mais. Assim, eu acho que, para ele, uma vez a cada semana, uma vez a cada duas semanas tá ok. Enquanto, pra mim, assim, desejo que seja todo dia ou dia sim, dia não.* Relata, também, que fica à espera de Guigo manifestar o desejo pelo sexo, para não parecer demandante e comprometer a sua liberdade e a de seu parceiro. E aí eu lhe pergunto se ela se realiza sexualmente nas relações que estabelece com outros homens por meio dos três aplicativos de relacionamentos que usa, e ela afirma: *Eu realmente gosto muito de sexo, mas eu não gosto de transar com casual, assim, então, é meio chato. E aí ou eu me masturbo ou não faço nada e fico esperando a gente transar alguma hora!* Diz que precisa ter alguma intimidade com a pessoa e, por isso, o sexo casual não lhe satisfaz. Aliás, várias de minhas entrevistadas deixaram claro que buscam conciliar sexo e envolvimento afetivo, corroborando o que constatou Illouz (2012 e 2019): que a liberdade sexual, no sentido de estabelecimento de relações em série e acumulativas, representa um modelo masculino de sexualidade.

Valentina afirma que é bissexual, ainda que reconheça só ter interesse em envolvimento romântico com homens. Avento a hipótese de que, apesar de todo o seu discurso libertário, ela não consegue romper com a heteronormatividade. Seu namorado Luigi também é bissexual e seu outro namorado já teve relações bissexuais, mas se define como heterossexual. Uma diferença geracional que percebi, em consonância com os dados do IBGE⁹, é que meus entrevistados e entrevistadas entre 20 e 30 anos têm maior abertura para a desconstrução de binarismos de gênero — homem/mulher, heterossexual/homossexual.

Se, por um lado, é evidente essa maior abertura à desconstrução de binarismos e à fluidez sexual dos meus entrevistados e entrevistadas entre

9 Cf. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019> Acesso em 10/05/2025.

20 e 30 anos, que cresceram na era das mídias digitais, familiarizados com a politização de questões ligadas à sexualidade e ao gênero, por outro, são visíveis também as ambiguidades desse fenômeno. Manuela (22 anos, moradora de Belo Horizonte, estudante de Relações Internacionais) afirmou que se sentiu coagida a se assumir como bissexual pelo grupo de amigas da universidade e que, hoje, se define como heterossexual. Segundo ela, as pessoas da sua “bolha”, composta por estudantes universitários de Ciências Humanas, têm, como imperativo, ser “desconstruído” e questionar as relações tradicionais de gênero e sexualidade. Para Manuela, há um prazer em se definir como LGBTQIA+, isto é, como uma pessoa atenta às questões do seu tempo. Nas palavras dela: *Então, essa questão da sexualidade... olha só como eu sou desconstruído... eu fico com todos os sexos, entendeu? Eu sou uma pessoa que fica com todo mundo mesmo, eu sou bissexual, eu sou pansexual e essas outras nomeações*. Conversando com outras duas entrevistadas que se definiram como bissexuais, Valentina e Lia (20 anos, cursando preparatório para o vestibular de Medicina, moradora de João Monlevade), e com alunas do meu grupo de pesquisa é perceptível essa valorização do espírito da desconstrução narrado por Manuela.

É indiscutível que a desconstrução da sexualidade pode ampliar a gama de liberdade dos sujeitos que, como sintetizou Valentina, *abre espaço para você explorar outros aspectos de seu ser*, além de questionar a heteronormatividade. O que é problemático é quando isso se coloca como uma norma, como um dever ser, coagindo os sujeitos a serem desconstruídos. Como argumentam Illouz e Kaplan (2020), a maioria dos estudos de sexualidade tende a destacar o potencial emancipatório e transgressor das identidades sexuais fluidas, ignorando os paradoxos envolvidos na desconstrução da sexualidade. Enquanto Illouz e Kaplan destacam que o capitalismo se apropriou do tema da diversidade sexual, promovendo a “autocomercialização” dessas identidades e a valorização do capital sexual dentro das empresas como uma forma de burlar a precarização do mercado de trabalho e o risco de desclassificação social para a classe média (Illouz e Kaplan, 2020, p. 63), ressalto como aspecto negativo a imposição de uma nova normatividade, que tende a limitar a liberdade dos sujeitos ao constrangê-los a serem desconstruídos.

A reação de alguns homens à liberdade sexual das mulheres foi retratada de forma emblemática por três de minhas entrevistadas, tendo aparecido também, explícita ou implicitamente, na fala de outras. Antônia (37 anos, doutora em Antropologia, roteirista de documentários, moradora do Rio de Janeiro) afirma que ela e algumas de suas amigas identificam que seus namorados definem o momento do sexo, censurando-as por demandar maior frequência sexual com frases do tipo *Como assim, você está me cobrando o papel tradicional do homem?* Ela ressalta que seu ex-namorado, com quem tinha uma relação aberta, apropriava-se do discurso feminista para manter a “hierarquia de gênero” e regular as relações sexuais entre eles. Resume o sentimento de seu ex-namorado e dos namorados de algumas amigas, posto tacitamente nas interações, dizendo: *Você não tem o direito sobre o seu corpo, o seu corpo não te pertence. Você tem libido, mas não pode vivenciá-la ao seu bel-prazer.* Algo parecido foi dito por Clarice (52 anos, professora universitária, em seu segundo casamento, moradora de Belo Horizonte), ao relatar o seu desinteresse por ter um caso com um homem quando percebeu que o pacto implícito existente entre eles, de se encontrarem apenas para fazer sexo, só valia quando ele queria, pois quando ela tomava a iniciativa não recebia resposta das mensagens enviadas. Cláudia (38 anos, bancária, moradora de São João del-Rei) diz ter se dado conta de que sua abertura para falar e fazer sexo com os homens a desvalorizou, na medida em que não é vista como alguém para se estabelecer um envolvimento emocional. Sente a dor emocional de ser sempre preterida pelos seus ficantes, quando eles resolvem se envolver com alguém. Aliás, Pelúcio (2019) também salientou as contradições dos homens em relação à liberdade sexual das mulheres. Ao mesmo tempo que celebram a emancipação sexual feminina, ressentem-se quando percebem que as mulheres procuram apenas por sexo, deixando evidente a dificuldade de reconhecer a agência sexual das mulheres.

4. Considerações Finais

Ao longo do artigo, travei um diálogo com Illouz demonstrando como suas análises deram-me importantes *insights* para pensar as reconfigurações da intimidade no Brasil. Ainda que concorde com a crítica feita por Costa

(2005) a Illouz, de que o mercado não tem o poder de gerar a energia amorosa, creio que sua sociologia do amor oferece uma grande contribuição para entendermos as causas sociais dos sofrimentos amorosos em tempos de aplicativos de relacionamentos. Mais do que isso, penso que Illouz coloca o dedo na ferida ao apontar a existência de uma dominação emocional masculina, a despeito de todas as inegáveis conquistas feministas. Ademais, a autora aponta as ambivalências da liberdade sexual das mulheres e das sexualidades fluidas. Sem falar que sua reflexão sobre os problemas da falta de regulação das interações afetivas/sexuais e das limitações da ética do consentimento, gerando sentimentos de incerteza afetiva e dores emocionais, ficou evidente em vários relatos de meus entrevistados e entrevistadas.

O fato de eu ter dado destaque aos sofrimentos emocionais de minhas entrevistadas não quer dizer, de forma alguma, que os homens não sofram por amor. O intuito, aqui, foi mostrar que, a despeito da maior simetria entre homens e mulheres em várias esferas da vida, a liberdade sexual pensada em termos de uma sexualidade recreativa é mais conflituosa para as mulheres. Ainda que haja diferenças entre homens e entre mulheres em função da idade e da distribuição e volume de capitais — sexual, econômico, cultural e social — que não permitam que se fale em dominação masculina de forma monolítica e unívoca, quando apresento as formas de regulação da sexualidade e as limitações da liberdade sexual das mulheres na fala de meus entrevistados e entrevistadas é possível detectar manifestações de uma dominação emocional masculina, como diagnosticou Illouz. Chamou-me especial atenção que as limitações à liberdade sexual feminina aparecem, inclusive, em contextos tidos como de “vanguarda” como entre jovens familiarizados com as agendas dos movimentos feminista e LGBTQIA+ e pessoas abertas a novos arranjos conjugais como relações abertas e não-monogâmicas. E aí o diagnóstico feito por Illouz (2012) de que a liberdade sexual, pensada como sexualidade recreativa e acumulativa, seja um modelo masculino de sexualidade me parece pertinente. Não sei se afirmaria, como Illouz, que vivemos “o fim do amor”, mas é notável, nos relatos de meus entrevistados e entrevistadas, que a lógica das relações casuais, que separa o reconhecimento do corpo do reconhecimento do *self*,

cria importantes obstáculos para o reconhecimento mútuo e intensidade entre os amantes.

Além disso, é preciso reconhecer as ambiguidades da desconstrução da sexualidade heteronormativa, não só pela captura feita pelo capitalismo do ideal de diversidade sexual, como apontam Illouz e Kaplan (2020), mas pela imposição de uma nova norma, como salientei. E, aqui, acho muito apropriada a crítica feita por Illouz e Kaplan à maioria dos estudos de sexualidade contemporâneos, que tendem a ignorar essas ambiguidades ressaltando, essencialmente, os potenciais emancipatórios das identidades fluidas.

Referências

- ALMEIDA, N. R. A felicidade tornou-se uma mercadoria central no capitalismo: entrevista com Eva Illouz. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/609207-a-felicidade-tornou-se-uma-mercadoria-central-no-capitalismo-entrevista-com-eva-illouz>. Acesso em: 05.02.2025.
- BECK, U.; BECK-GERNISHEIM, E. *The normal chaos of love*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- BELELI, I. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 91–114, jan./jun. 2015.
- _____. Reconfigurações da intimidade. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, p. 337–346, jan./abr. 2017.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo; Porto Alegre: Edusp; Zouk, 2008.
- CABANAS, E.; ILOUZ, E. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. São Paulo: Ubu, 2022.
- COSTA, S. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 73, p. 111–124, nov. 2005.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FRASER, N.; JAEGLI, R. *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- GOLDENBERG, M. O corpo como capital. In: GOLDENBERG, M. (org.). *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2007.
- _____. *Sexo*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2015.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GILL, R. From sexual objectification to sexual subjectification: the resexualisation of women's bodies in the media. *Feminist Media Studies*, v. 3, n. 1, p. 100–106, 2003.

HAMLIN, C.; PETERS, G. Consumindo como uma garota: subjetivação e empoderamento na publicidade voltada para mulheres. *Lua Nova*, n. 103, p. 167–202, 2018.

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *O direito da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ILLOUZ, E. *Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1997.

_____. *Saving the modern soul: therapy, emotions, and the culture of self-help*. Berkeley: University of California Press, 2008.

_____. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *Why love hurts*. Cambridge: Polity Press, 2012.

_____. *The end of love*. New York: Oxford University Press, 2019.

ILLOUZ, E.; KAPLAN, D. *El capital sexual en la modernidad tardía*. Barcelona: Herder, 2020.

LAHIRE, B. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LUHMANN, N. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Lisboa: Difel, 1991.

MATTOS, P. Desafios do reconhecimento nas relações íntimas: um debate com Axel Honneth. *Política & Sociedade*, v. 17, n. 40, p. 156–190, set./dez. 2018.

MISKOLCI, R. No coração pulsante da cultura: entrevista com Eva Illouz. *Revista Contemporânea*, v. 6, n. 2, p. 299–308, jul./dez. 2016.

_____. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NORWOOD, R. *Mulheres que amam demais*. São Paulo: Arx, 2003.

O'NEILL, R. *Seduction men: masculinity and mediated intimacy*. Cambridge: Polity Press, 2018.

PELÚCIO, L. Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 31–60, jan./jun. 2015.

_____. *Amor em tempos de aplicativos: masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo*. São Paulo: Annablume, 2019.

PILÃO, A. C. Ativismos não-monogâmicos no Brasil contemporâneo: a controvérsia poliamor–relações livres. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 38, p. 2–24, 2022.

VICENTE, A. Entrevista Eva Illouz: “Vivemos em um mundo colonizado pela hipersexualização dos corpos e das psiques”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-01-02/eva-illouz-vivemos-em-um-mundo-colonizado-pela-hipersexualizacao-dos-corpos-e-das-psiques.html>. Acesso em: 05.02.2025.

Recebido em 02/08/2025
Aceito em 09/12/2025
Versão final em 06/01/2026
Publicado em 25/03/2026

Male emotional domination in intimacy: A dialogue with Eva Illouz.

Abstract

This paper discusses the theses proposed by the Franco-Israeli sociologist Eva Illouz on the ways capitalism has been transforming individuals' emotional lives and, inspired by these insights, examines transformations in intimacy and gender relations in Brazil. It presents preliminary results of an ongoing research on the desires, frustrations and sufferings of heterosexual men and women in the spheres of love and sexuality, highlighting the relevance of Illouz's diagnosis of male emotional domination by showing the forms of regulation imposed on women's sexuality and the limits placed on their sexual freedom.

Keywords: Love; Sexuality; Capitalism; Emotional domination; Gender inequalities.